

Fernando Molica

Pra que discutir com madame?

Madame Bolsonaro diz que a vida piora por causa do acordo de seu partido com Ciro Gomes, que a aliança tem pecado e que devia acabar. Devidamente adaptado, o samba de Janet de Almeida e de Haroldo Barbosa ajuda a entender a surpresa e a indignação no PL com a bronca pública que Michelle Bolsonaro deu no presidente-dono do PL, Valdemar Costa Neto — o motivo alegado foi a decisão dele de apoiar a candidatura de Ciro (agora de volta ao PSDB) ao governo cearense.

Ela também não poupou o presidente regional do partido, o deputado André Fernandes, que aceitou o trato com Ciro e quer fazer do pai candidato ao Senado. Michelle quer que destinar a vaga para uma vereadora amiga de fé, irmã camarada e defensora do apoio do PL ao senador Eduardo Girão (Novo) para o governo.

Presidente do PL Mulher, Michelle arrumou outros problemas ao se imiscuir em outras disputas regionais, como em Santa Catarina e no Distrito Federal. Uma movimentação nacional que indica sua vontade de concorrer à Presidência ou, pelo menos, garantir um posto de vice.

Os enroscos onfirmam o risco de se entregar o protagonismo político para pessoas de fora do universo político. Por mais que se apresentasse como outsider, Jair Bolsonaro carregava nas costas sete mandatos de deputado ao tentar o Planalto. Apesar de todo seu radicalismo, ele não demorou para construir alianças com o Centrão. Sua decisão de apoiar o acordo com o Ciro reforça que ele aprendeu a jogar o jogo.

Ungida na política graças ao casamento, Michelle, carismática e ótima oradora, é bela e do lar,

mas também é do púlpito e do palanque. Ao entrar na briga respaldada principalmente pelo eleitorado evangélico, fica menos sujeita a pressões aplicáveis aos protagonistas da política, ainda que seus voos pelo país sejam bancados pelo caixa do PL, por Valdemar, aquele que, segundo Michelle, não fala por ela: não fala, mas é quem a financia.

Confinado a uma suíte da Polícia Federal, Bolsonaro experimenta a sensação já vivida por outros apenados. Presos, descobrem a inversão da lógica machista; soltas, livres para ir e vir, suas mulheres é que passam a ter o papel decisivo na relação, não dá para mantê-las nas quatro linhas.

Ontem, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), não por acaso de depois de se encontrar com o pai, pediu desculpas a Michelle, mas sua reação na véspera mostrou que ele, o partido e dois dos seus irmãos querem impedir a criação de um movimento pró-Michelle que tem potencial para se tornar incontrolável.

Como no samba, madame não gosta que ninguém sambe de um jeito que não corresponda às suas expectativas, anda dizendo que o samba do PL desafinou, deu vexame. Bolsonaro & Filhos tentaram evitar discutir com Michelle que, para eles, agora só fala veneno.

Entre mil apertos, querem manter o controle do desfile na avenida eleitoral, tentam mostrar que madame tem um parafuso a menos ao classificar de música barata a partitura pragmática seguida e regida por Valdemar. Este, por sua vez, não quer ficar como o conhecido pedreiro homônimo, personagem do samba de Roberto Martins e Wilson Baptista — fazia casas e acabou não tendo onde morar.

Tales Faria

Presidente da CCJ diz que sabatina de Messias fica para 2026

O presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, Otto Alencar (PSD-BA), disse à coluna que “fica para o ano que vem” a sabatina do advogado-geral da República, Jorge Messias, como indicado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

“Não há mais tempo de realizar a sessão neste ano de 2025”, afirmou Otto ao ser inquirido sobre as consequências do cancelamento da sessão que estava marcada para a próxima quarta-feira, 10.

O anúncio do cancelamento foi feito pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), na tarde desta terça-feira, 2. Alcolumbre disse que tomou a decisão “para evitar a possível alegação de vício regimental no trâmite da indicação — diante da possibilidade de se realizar a sabatina sem o recebimento formal da mensagem” oficial do presidente da República ao Senado.

Na nota, o senador denuncia que o não-envio caracteriza uma interferência do poder Executivo no Legislativo:

“O Senado foi surpreendido com a ausência do envio da mensagem escrita referente à indicação, já publicada no Diário Oficial da União e amplamente anunciada. Essa omissão, de responsabilidade exclusiva do poder Executivo, é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do poder Legislativo.”

O cancelamento da sessão está sendo interpretado como uma derrota de Alcolumbre na guerra que abriu contra Lula por causa da indicação de

Jorge Messias. Ele estava em campanha para que o ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG) fosse o indicado.

Ao marcar a sabatina com um prazo considerado muito curto, Alcolumbre acreditava ter colocado em xeque o presidente. Não daria tempo para Messias fazer campanha e conquistar votos dos senadores.

Mas Lula reagiu simplesmente segurando a mensagem em que formalizaria ao Senado a indicação. O Planalto informou que a mensagem seria enviada “em prazo hábil” e que a demora se devia à necessidade de juntar documentos.

O presidente do Senado designou Weverton Rocha (PDT-PI) como relator e encorajou parecer da área jurídica do Senado para garantir a legalidade de realizar a sabatina no dia 10 mesmo sem receber a mensagem presidencial.

Alcolumbre chegou a declarar que o parecer era favorável à realização da sabatina na data marcada. Na nota, no entanto, ele admitiu que seria possível se alegar “vício regimental no trâmite da indicação”.

“O Alcolumbre travou uma batalha inútil, porque não havia mais como o Lula retirar a indicação do Messias e substituí-lo pelo Pacheco. O Lula simplesmente cruzou os braços, como fez contra o Donald Trump no tarifaço dos Estados Unidos sobre produtos brasileiros. E o Alcolumbre teve que recuar como o Trump”, confidenciou à coluna um senador oposicionista admitindo a vitória do Palácio do Planalto.

Jolivaldo Freitas*

Da COP30, só restou o cheiro de diesel

Agora que a COP30 acabou — e Belém finalmente conseguiu desligar os 160 geradores que fizeram da conferência a maior usina termoelétrica improvisada da Amazônia — é possível respirar fundo. Quer dizer... modo de dizer: o ar ainda tem um toque de diesel, um bouquet de plástico derretendo ao sol e um aroma sutil de urucum, lembrança involuntária do gringo que saiu da plenária com a cara melada, parecendo protagonista de bloco afro.

Passado o vendaval climático, diplomático e elétrico, ficou claro que a COP30 foi uma síntese perfeita do Brasil: grande, barulhenta, cheia de boas intenções e movida a óleo diesel. No final das contas, foi uma conferência sobre combustíveis fósseis com combustíveis fósseis, quase uma homenagem involuntária ao petróleo — ou uma provocação sofisticada, dependendo da boa vontade do observador.

A chuva, claro, marcou presença. Em Belém, quem não se encharca é turista recém-chegado ou alemão reclamando do calor. E os alemães reclamaram de tudo: do calor, da umidade, do tacacá, do urucum e, principalmente, da ousadia de Jader Barbalho em organizar uma conferência global no meio da floresta sem a devida competência. Jader, por sua vez, devolveu na mesma moeda, lembrando que a “alemão-zada” ajudou a aquecer o planeta e agora vinha reclamar da temperatura.

O homem pode não ter resolvido os alagamentos, mas respondeu bem. Aliás, os alagamentos foram um espetáculo à parte. De manhã cedo, os chefes de Estado atravessavam poças com a elegância de quem tenta não molhar o sapato de couro que custou mais que o salário de um servidor da Sudam. E dentro das salas? Pingos no plenário, gotas na mesa, pequenos lagos filosóficos ao redor dos microfones. Tudo muito tropical, muito imersivo. A Amazônia

entregando experiência.

Os caminhões-tanque, coitados, trabalharam como nunca. Era um entra-e-sai sem descanso — parecia até trio elétrico no Carnaval de Salvador, mas com menos alegria e mais fuligem. E lá estavam eles, bombeando diesel para alimentar os geradores que refrigeravam a conferência onde se discutia, apaixonadamente, como abandonar os combustíveis fósseis.

Os ambientalistas passaram a COP inteira com aquele olhar de “eu não acredito que estou vendendo isso”, dividido entre perplexidade, calor e uma vontade discreta de tomar um sorvete de cupuaçu. Já o pessoal dos biocombustíveis recitava mantras sobre B100, enquanto aceitava resignado o fato de que “o que deu pra fazer” foi um diesel com 25% de conteúdo renovável — um blend otimista.

E no meio desse cenário, o Brasil seguiu sendo Brasil: contraditório, criativo, encantador e, principalmente, resiliente. Conseguimos transformar a conferência do clima em um evento que parecia organizado por Murphy: se podia dar errado, deu com estilo.

No fim, o que ficou da COP30 — além do cheiro de gasolina e do aprendizado de que alemão não combina com umidade e derrete com o calor, a não ser que esteja atrás de trio-elétrico ou escola de samba com olhar de lobo faminto — foi a certeza de que, se existe um país capaz de fazer uma conferência climática movida a gerador barulhento e ainda assim arrancar aplausos, esse país é o nosso.

Esperar que um evento desse porte, no meio da Amazônia, comandado por Jader Barbalho, produzisse milagres... só se fosse milagre climático. E o clima está raivoso. E o mar não está pra peixe.

*Escritor e jornalista.
Autor do romance
“Os Zuavos Baianos
Contra Dom Pedro, os
Gaúchos e o Satanás”
(na Amazon e Livraria
Escariz)